

Philippe Jeammet*

Adolescência: o espelho da sociedade**

ide: Você poderia nos falar, em algumas palavras, de sua formação, de sua vida profissional e de seu percurso na psicanálise?

Philippe Jeammet: Sim, com prazer. Eu fiz estudos de medicina e especialização em psiquiatria e, ao mesmo tempo, uma formação psicanalítica na Sociedade Psicanalítica de Paris. Tive também, no decorrer de minha formação, a oportunidade de praticar o psicodrama psicanalítico individual, tal como havia sido adaptado na França, principalmente por Serge Lebovici, René Diatkine e Evelyne Kestemberg. Isso foi importante, pois, ao lado da formação psicanalítica clássica, me deu o exemplo de um modo de abordagem bem mais interativo, importante principalmente com adolescentes. Depois da minha residência, eu tive a sorte de ocupar o posto de “chefe de clínica”, no serviço do professor Flavigny, que criou o primeiro atendimento de psiquiatria do adolescente e do adulto jovem na França, realizado no Hospital Internacional da Universidade de Paris, em frente à Cidade Universitária Internacional de Paris. Fiz toda minha carreira nessa instituição, da qual fui chefe nos últimos quinze anos, e que se tornou agora o Instituto Mutualista Montsouris, o que permitiu a reconstrução de um serviço de psiquiatria de adolescentes e de adultos jovens, antes um pouco disperso no antigo hospital. Agora está de novo reagrupado num conjunto que compreende trinta leitos de hospitalização programada, oito leitos de hospitalização de urgência, trinta leitos de hospital-dia e um serviço de consultas ambulatoriais com uma fila ativa em torno de dois mil adolescentes por ano. Ligado a esse departamento, há um dispositivo experimental para os adolescentes difíceis que compreende profissionais do setor da saúde e funcionários provenientes do Ministério da Justiça, sobretudo educadores da proteção judicial da juventude, que é um lugar que oferece recursos para as equipes em dificuldades com esse tipo de adolescente. Temos também o Centre Émergence, destinado

inicialmente à distribuição de metadona e que se transformou num centro específico de tratamento para os usuários de *cannabis*.

Essa experiência foi importante para mim porque, em virtude da dupla formação, psiquiátrica e psicanalítica, e do trabalho hospitalar, logo me deparei com a confrontação da articulação entre o que podemos chamar de realidade externa e interna com adolescentes que tinham dificuldade de acesso à sua realidade psíquica interna e que se expressavam, no fundo, por seus atos e por seus distúrbios de comportamento. Isso me obrigou muito rapidamente a considerar os atos e, sobretudo, os transtornos de comportamento como uma forma de linguagem. Aprendi a saber, escutar ao mesmo tempo a fala, mas também os atos, não raro com uma contradição entre os dois, o que me fez ficar muito atento a essa dupla linguagem e ao paradoxo a ela subjacente. Percebi que aqueles que têm a maior necessidade de serem ajudados, porque estão tomados por grande insegurança interna, são os que apresentam a maior dificuldade em pedir ajuda, uma vez que sentem esse pedido como um poder que é dado aos outros sobre eles, e um risco de dependência e de submissão. Porém, pelos transtornos do seu comportamento, vão exprimir o seu mal-estar e, desse modo, solicitar cuidados, obrigando os adultos a vê-los, mas afirmando com frequência que não precisam de nada. Foi isso que me levou a colocar, no fundo, o paradoxo não só no centro da problemática do adolescente, como igualmente no centro da problemática humana sob uma forma que poderia ser enunciada assim: “Aquilo de que necessito, essa força interior que me falta, essa suficiente estima de mim mesmo, essa segurança interior, justamente porque eu preciso disso, é o que mais me ameaça na minha autonomia”.

ide: Em uma conferência recente do Marcelo Viñar aqui na Sociedade de Psicanálise, ele citou você, nu-

* Professor titular de Psiquiatria da Criança e do Adolescente da Universidade de Paris VI. É diretor clínico há muitos anos do Institut Mutualiste Montsouris, um complexo ambulatorial, hospitalar e preventivo responsável pelo atendimento em saúde mental do adolescente e do jovem adulto (12 a 25 anos de idade) de dois bairros de Paris. Também é membro da Sociedade Psicanalítica de Paris, onde fez sua formação com analistas como André Green, René Diatkine, Serge Lebovici etc. Na França, publicou livros e artigos originais na área da patologia da adolescência e, sobretudo, na dos distúrbios de comportamento alimentar. No Brasil, é autor do livro *Novas problemáticas da adolescência: evolução e manejo da dependência*. Mônica G. T. do Amaral (org. ed. bras.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

** Realização: Ana M. Brias Silveira, Jassanan Amoroso D. Pastore, José Martins Canelas Neto, Magda Guimarães Khouri, Raquel Plut Ajzenberg.

ma frase de sua autoria, “a adolescência é o espelho da sociedade”. Você poderia nos falar um pouco sobre essa idéia?

P. J.: Os jovens que nós vemos apresentam todas as formas habituais da patologia do adolescente, notadamente os transtornos do comportamento, distúrbios que têm em comum o fato de amputar o sujeito adolescente de uma parte de suas potencialidades e de conduzi-lo a uma forma de auto-sabotagem ou de autodestruição que não é desejada, e que responde a um medo, ligado justamente à sua insegurança interna e à sua dependência do entorno. Mas isso se impõe a eles e se torna um meio de estabelecer um compromisso entre essa necessidade que os jovens têm dos outros e a necessidade de preservar a própria autonomia. Vejam bem, indo mal, de um jeito ou de outro, se protegem da angústia de abandono e de não serem vistos. Na verdade, ir mal na vida é uma forma de se chocar contra o muro da sociedade, como a criança carente que vai bater a cabeça contra seu berço; só que, ao mesmo tempo, é também uma forma de se proteger do outro lado da angústia humana, que é a angústia de fusão e de intrusão, que é a angústia de se confundir com o outro. Indo mal colocamos o outro, o adulto, em situação de fracasso, manifestando assim sua diferença. Por essa razão, no final de um certo tempo, fica difícil para esses jovens abandonar seus transtornos, os quais, se por um lado os fazem sofrer, por outro lhes dão um sentimento de serem ativos e de se diferenciar dos adultos, o que faz com que tais distúrbios se transformem numa espécie de nova identidade à qual eles correm o risco de se agarrar cada vez mais. Dessa forma, eles se alimentam cada vez menos daquilo de que, contudo, tanto precisam, isto é, do sentimento de valorização e de segurança. Então, esses distúrbios de comportamento solicitam particularmente o meio ambiente, familiar e social. Vejam, no fundo, quanto mais estamos em insegurança interna, mais vamos depender, para assegurar a nossa segurança e o nosso equilíbrio, da resposta do entorno. E esses sujeitos vulneráveis são dependentes do entorno, ambiente-dependentes. A fragilidade dos seus recursos internos, que nada têm nada a ver com sua capacidade potencial, torna-os muito dependentes daquilo que os circunda.

No fundo, quanto mais o nosso narcisismo é frágil, mais as fronteiras se estendem ao exterior e nos tornam muito sensíveis às atitudes dos outros e às decepções. A fragilidade narcísica desses adolescentes faz com que as respostas sociais tenham um papel muito importante. O adolescente representa, para mim, um papel de duplo revelador. Ele revela o que chamei de qualidade das nossas bases narcísicas, isto é, o nosso ser, nossa auto-estima, adquiridas durante a infância, e que, com a

necessidade, na puberdade, de estabelecer uma distância com os objetos de ligação, obrigarão o sujeito a entrar em contato com seus recursos internos. Esse é o espelho do que se passou durante a infância.

O segundo ponto é que, a partir dessa grande dependência do meio ambiente, o adolescente será um revelador da sociedade e da representação que os adultos têm de si e dos próprios adolescentes. Faço um pequeno parêntese aqui para o que chamo de dependência. Abordo esta questão no meu livro que será traduzido. Essa dependência é especificamente humana como dimensão da consciência que o homem tem de si mesmo. Essa é a grande diferença com relação ao animal. O animal é dependente dos seus objetos de ligação e do meio ambiente, mas isso não lhe coloca um problema específico, isso fica resolvido pelos seus instintos, enquanto o homem verá que é dependente dos outros e terá consciência da sua finitude, de suas faltas, de suas insuficiências e da necessidade que ele tem dos seus semelhantes para se completar. Creio que é isso que faz com que nos encontremos diante desse paradoxo de que falei há pouco, que faz com que as duas linhas de desenvolvimento necessárias à evolução da personalidade pareçam contraditórias. A primeira sendo a necessidade que temos de nos alimentar dos outros, tanto no plano físico como no plano psíquico, com todas as ligações de apego e de identificação próprias não apenas ao homem, e a segunda, a necessidade de nos diferenciarmos do outro para sermos nós mesmos, que é característica do homem porque ligada a essa atividade reflexiva. Então, como ser eu, se para ser eu, preciso do molde dos outros? Esse paradoxo responde ao de Winnicott, que acredita que o objeto deve estar lá para que a criança tenha o sentimento de criá-lo. A boa adaptação do meio ambiente às necessidades da criança permite que ela não sinta essa dependência, que adquira confiança, que utilize progressivamente seus próprios recursos e que desenvolva sua capacidade de esperar. Ao contrário, a criança que fica potencialmente muito dependente é aquela que não pode criar essa relação de confiança e que vai substituí-la por uma relação de agarramento, de grude. O modelo é a criança que gruda na mão da sua mãe quando tem que se separar dela e que de imediato se torna dependente dessa mãe, e que vai, em espelho, torná-la dependente dela também. Mas não vai fazê-lo pelo prazer compartilhado, porque essa é a porta aberta para a separação. Ela fará isso pela queixa e pela insatisfação, o que, por sua vez, obrigará a mãe a ficar perto dela marcando também o seu poder, porque, não importa o que a mãe faça, não irá adiantar.

Encontramos de novo aquilo que eu dizia do adolescente. Então para mim a dependência, propriedade geral do ser vivo, toma uma dimensão particular no ho-

mem quando a insegurança interna do sujeito o obriga a superinvestir a realidade externa, a se grudar a ela para contra-investir uma realidade interna angustiante. “Se mamãe está lá, se a luz está acesa, tudo vai bem. Mas, se ela vai embora, eu me desorganizo.” Isso é a dependência. E, mais uma vez, é o que vai obrigar a criança a se grudar a uma realidade externa que controla pelo agarramento a ela, no lugar dos recursos internos de que não dispõe. Esse agarramento poderá tornar-se mais tarde uma fixação a um sintoma ou a um tipo de transtorno do comportamento, mas também um agarramento tenaz às suas crenças, às suas convicções e às suas posições de caráter, que traduzem todas uma insegurança, e não uma liberdade. É o que encontramos em cada um de nós, por exemplo, quando passamos do sonho para o pesadelo. O Eu está transbordado pela angústia e, para se reasssegurar, acorda, se liga à realidade perceptiva para retomar o controle do que não controlava mais no nível intrapsíquico.

Isso explica por que esses sujeitos vulneráveis vão ter um grande problema para lidar com a distância relacional com o outro. Isso vai se exacerbar na adolescência, obrigando o adolescente, com a puberdade, a reencontrar para si uma nova distância com seus objetos de ligação, mas também para com seu corpo que muda apesar dele, e que de alguma forma lhe escapa com a puberdade. O adolescente muitas vezes será levado a superinvestir, como forma de agarramento, suas crenças, seus pensamentos, a respeito dos quais terá o sentimento de que lhe pertencem, sobretudo se forem opostos aos dos pais, ao passo que o seu corpo, ele o herda, ele não o escolheu. Vemos bem como o corpo vai se tornar o lugar privilegiado da expressão dos conflitos com seus pais. Então, se tudo vai bem, ele se apropria desse novo corpo e se inscreve na linha da herança de seus pais, no entanto, se ele tem conflitos a serem resolvidos, em geral ligados à segurança e à dependência, vai ser obrigado a se apropriar de seu corpo, que é vivenciado como estrangeiro. E a forma de se apropriar dele pode ser pelo ato de se mutilar, ou de provocar o espanto do meio que o cerca para se certificar dessa diferença. Isso pode se dar tanto pelo jeito de se vestir, como pelo jeito de se apresentar ou pela possibilidade de se machucar, como na anorexia, na bulimia, nas automutilações, indo até a tentativa de suicídio, de auto-agressão, a qual, nesses casos, mais do que a vontade de morrer, exprime, na maior parte das vezes, um desejo prometeico de se reapropriar do seu destino. É essa a imagem em espelho que faz com que nos digam muitas vezes: “Eu não pedi para nascer”, mas que, na inversão do espelho narcísico é: “Eu posso escolher morrer”.

ide: Quais são as implicações dos atuais ideais narcísicos de performance no erotismo? Você poderia falar dos quadros sociais e culturais na atualidade em relação a isso?

P. J.: É importante compreender que, quanto mais uma sociedade é liberal no nível dos costumes, menos temos imposições ideológicas e educativas no *prêt-à-porter* cultural sobre o modo de se comportar.

Cada vez mais vamos deixar o sujeito em face de si mesmo e solicitar o seu narcisismo. Creio que, infelizmente, em uma sociedade muito aberta, aproveitável para pessoas que são muito seguras de si mesmas, corre-se o risco de vir a ser narcisicamente muito difícil de viver. Se esses sujeitos que buscam no exterior meios de se assegurar, de ter referências que não têm no interior de si, não encontram no nível social um certo número de limites que possam lhes servir de referência, mesmo se eles se opuserem e os transgredirem, eles podem sentir essa grande liberdade, essa ausência de resposta, como uma forma de abandono a esse mundo interno inseguro. Isso lhes dá o sentimento de serem reenviados às suas contradições interiores. Desejamos sempre coisas contraditórias, como por exemplo não trabalhar, mas dar certo. Os jovens não sabem mais o que os valoriza aos próprios olhos e aos dos outros, nem o que é bom ou o que é ruim, devido ao risco de que a nossa sociedade substitua os interditos e o Superego por um recurso ao Ideal de Eu e um culto da performance, que faz com que, para ser visto e existir plenamente, não seja mais suficiente responder ao que os adultos dizem ser bom ou ruim, num relativismo que se generaliza. Nesse exato momento perdemos o espelho no qual poderíamos nos olhar, o qual é substituído por esse culto da performance, com o adágio social que poderia ser: “Faça o que você quiser, mas, se você quer ser visto e considerado, seja o melhor!”. Então podemos ver bem que são os limites e as vantagens das regras que nos dizem o que é bom e o que é ruim, é que é suficiente segui-las para saber o seu valor. Se as transgredimos, podemos ser perdoados, enquanto na performance não há mais nenhum limite. Logo, nesses sujeitos que não têm limite interior, a sociedade pode agravar suas angústias dizendo-lhes que eles sempre podem fazer mais, uma vez que não há limite para a performance. Vemos bem como o Ideal do Eu ou o Eu ideal, para alguns, se alimenta da avidez subjacente. Quanto mais estou inseguro, mais tenho vontade de ser o primeiro em tudo, considerado por todos, e além do mais serei tentado a uma busca sem fim da performance, com o que isso tem de estimulante, mas também de vampírico, principalmente para as pessoas mais frágeis. Logo, uma das formas da performance, apesar de poder dar certo, pode ser correr riscos sem limites, a busca obstinada de sensações, a pro-

cura de provocações e, sobretudo, a capacidade de se fazer mal, que fica sempre à mão do Eu.

O risco inerente ao homem é essa capacidade de fazer mal sem limites, que nada mais é para mim do que o inverso, a imagem em espelho, da capacidade criadora. A destrutividade seria no fundo a criatividade do pobre, não no sentido econômico, e sim no daquele que se sente impotente, não visto por ninguém, sem valor. Antes de desaparecer ou de desmoronar, sempre há a possibilidade de se fazer mal ou de destruir a si ou aos outros. E, nesse caso, ele é o mais forte, não tem limites. Se ele quer dar certo, se quer ter prazer, ele vai depender dos outros, e isso é arriscado. No caso de se fazer mal e dar certo, não dependemos mais dos outros e temos a vantagem de terminar por atrair a atenção, sermos vistos. E, ao mesmo tempo, de colocar os demais como impotentes.

Devemos considerar que o modelo social e o modelo que temos da compreensão do desenvolvimento da personalidade humana não são neutros. É por isso que pessoalmente penso que devemos rever as noções de pulsão e nos darmos conta de que ela remete excessivamente a uma passividade do Eu. Penso ainda que precisamos nos conscientizar de que, numa sociedade onde havia muitas proibições estruturadas, o problema era com os conflitos de desejo, ligado aos interditos, com os sofrimentos que isso provocava, porém, numa sociedade mais livre, esse não é mais o verdadeiro problema. O problema é o do Eu, da representação que ele tem de si mesmo, do seu valor e das suas ligações com os outros. Com todos os paradoxos que evoquei, essa necessidade do outro pode ser sentida como um poder insuportável dado ao outro sobre si mesmo. Vemos bem como o sentimento de culpa ligado às interdições oferecia também um limite entre o Eu e o outro, que podia servir como referência. A ausência de culpa e a nossa não-preocupação com o outro remetem, em espelho, ao fato de que o sujeito também não tem importância. Se os outros não têm importância, tampouco ele tem. Se, podemos fazer o que quisermos com os outros, podemos fazê-lo igualmente conosco, a recíproca é verdadeira. Aqueles que foram educados numa família estruturada, qualquer que seja a evolução social, têm os valores neles mesmos. Os outros, que não tiveram essa possibilidade, estão em busca de referenciais, de valores que não encontram mais.

O que vemos é que, apesar de uma sociedade mais livre, mais aberta, que poderia permitir um desabrochar sexual maior, mais fácil, uma parte dos adolescentes, os mais vulneráveis, os mais dependentes, utilizam essa liberdade para se fazerem mal. Como se eles se encontrassem e encontrassem os outros somente com esses ataques

a si mesmos, os quais se tornam a garantia do que faz a sua diferença, do que os faz existir. Porque, no fundo, no prazer eles não sabem mais o que é deles e o que é do outro. Eles têm certeza de que o que é deles, ao contrário, é o que não vai bem. Isso, creio, é favorecido pelo que chamei de morosidade depressiva em certos adultos que chegam à crise da meia-idade e que estão desiludidos, mesmo não vivendo tão mal assim, mas que fazem face a todas as possibilidades do mundo moderno com um sentimento de que sempre vai lhes faltar algo e de que não poderão fazer tudo. Os mais ávidos, os mais insatisfeitos, se apegam mais ao que lhes escapa do que àquilo que têm. Eles pedem aos filhos que atenuem essa depressividade de que foram tomados dizendo-lhes como estão contentes de ter bons pais que os mimam, que os deixam fazer tudo de que gostam, como se coubesse aos filhos dar-lhes uma justificativa para a sua vida. Essa é uma forma de parentificação do adolescente. Então, os adolescentes, diante da ambivalência dos próprios sentimentos e da sua voracidade, que é vivida como uma ameaça para os pais, necessitariam que os pais lhes mostrassem, pelo seu prazer e pelos seus interesses, que a vida vale a pena ser vivida. No caso que descrevo, ocorre o contrário. O que acontece é que os filhos têm que dizer aos pais: “Sim, sim, vale a pena”. Creio que se trata de uma angústia muito profunda, da qual os pais se defendem dizendo aos filhos: “Façam tudo o que querem que vocês serão felizes”. Vemos muitos adolescentes sem uma patologia propriamente dita, mas que dizem que a única coisa que eles não podem ser é felizes, que nada lhes interessa de verdade, que tudo é relativizado. Por detrás disso tudo, há a meu ver uma enorme avidez que não é reconhecida pelos pais. Os adolescentes tentam escapar dessa espécie de relação de sustentação dos pais, que toma uma dimensão incestuosa, estabelecendo uma distância, colocando-se eles também numa posição de morosidade depressiva ou só se autorizando a chamar a atenção dos pais no desprazer, por meio do fracasso escolar e de outros fracassos.

ide: Aqui no Brasil há um costume entre os jovens de doze e treze anos, e que vai até os vinte e cinco anos aproximadamente, de “ficar”, algo sem compromisso. Como você vê isso?

P. J.: Com certeza, toda essa problemática da ligação se expressa de uma forma essencial na relação amorosa. Podemos ver, com a evolução atual dos costumes e seu caráter bastante narcísico, que o interesse da conquista é o de se assegurar do próprio valor, mais até do que o prazer compartilhado. Um prazer clivado entre a sensação e a emoção. Nas conquistas o compromisso poderia ser importante, porém os limites que não temos

mais do exterior, e que nos protegiam de várias formas, são recriados dentro de nós mesmos. Assim, tanto para os meninos como para as meninas, o que vigora é: não devemos nos ligar porque existe um perigo, vamos ser vítimas do outro. Há uma desconfiança que se estabelece e que os leva a fazer uma clivagem entre os sentimentos e as emoções. É a sensação da sexualidade reduzida ao seu lado mais funcional e pragmático, com esse vocabulário desvalorizado, que denigre e reduz. Então, não temos mais diferença de sexo, e no fundo o que vemos é o medo da ligação, do contato. Eles se crêem livres, e não o são tanto quanto pensam. Quando havia certas interdições, o mérito era que essas interdições eram conhecidas, elas protegiam, e também havia o prazer de transgredi-las, pois, se não há transgressão, não há prazer, principalmente no que se refere à ligação fantasmática com os pais, que é subjacente a tudo isso. O que há é uma banalização bastante deprimente, e podemos ver bem o que leva o sujeito a ter de abdicar de uma parte de si, justo onde pensávamos que haveria mais liberdade, mais unidade, porque no fundo, na sexualidade, para ter prazer, temos que experimentar o abandono do Eu e a intensidade da ligação.

É por isso que muitas vezes a sexualidade nos remete ao que está ligado à nossa infância. Eu digo ao infantil, mas que muitas vezes é sentido pelo sujeito como infantilóide, criancice, algo narcisicamente humilhante para um ego que se vê adulto e que se obriga a separar a sensação da emoção, arriscando a deixar de lado a criança que fomos com todas as necessidades afetivas que são julgadas perigosas e incômodas, ao invés de integrá-las progressivamente. Se mantivermos essas necessidades fora do campo da consciência, devemos nos perguntar se não vamos facilitar o retorno em bumerangue, em um adulto, das crianças que fomos, em relações passionais que aparecem muito tarde ou em relações pedofílicas. Tudo isso é uma não-integração do infantil ou de perversões, e não se pode esquecer que a adolescência é o momento em que devemos fazer a ligação entre a criança que fomos e o adulto que vamos ser. Mas também é o momento mais vulnerável, e para os mais vulneráveis muitas inseguranças da infância retornam, e tentamos nos proteger dessa criança criando uma clivagem prejudicial. Paradoxalmente, podemos pensar que a liberação dos costumes limitaria essa clivagem, porém esquecemos que, ao lado de um desejo sexual, há outros, há uma necessidade de uma ligação que complete todas as ligações da infância. Para algumas pessoas, isso cria uma desilusão porque, quando negam a ilusão, elas a perdem. De tanto se protegerem de um risco de ligação vivido como ilusório e perigoso, não vêem mais a sexualidade, a não ser sob uma forma,

e acabam perdendo esse momento forte, amoroso, em que há uma co-construção de um objeto narcísico com uma parte de ilusão, e igualmente com uma parte de integração de aspectos mais profundos que podem alimentar a pessoa e criar laços mais intensos capazes de ajudar a suportar as dificuldades da coabitação.

ide: E a questão do erotismo e da pornografia?

P. J.: Uma questão de vocabulário. O erotismo, em oposição à pornografia, traz sempre a questão da ternura e, digamos, de uma área transicional remetendo ao único. Temos uma ocasião única de uma proximidade quase fusional e de uma troca plena em que entra a bissexualidade de um e de outro. A questão do que pertence a um e do que pertence a outro não se faz mais presente no espaço daquele momento. Então, é algo que pode ser profundamente restaurador, podemos fazer uma abolição das fronteiras com a condição de não termos medo desse abandono temporário do qual, por exemplo, o perverso tem tanto medo. Para o perverso, é necessário que o ato sexual seja organizado de uma maneira coesa, como em um cartório. O contrato. Você vai fazer isso, você vai fazer aquilo, com um lado que de certa forma pode ser perigoso se o outro não fizer o jogo. O que acontece é que retornamos a uma adesão ao limite. A pornografia tem a dimensão do domínio, e o que importa é o cenário imaginado mais do que o prazer compartilhado. É a isso que nos atemos na perversão, e atrás de tudo isso há uma proteção contra o risco da proximidade e do abandono que pressupõe uma perda de fronteiras. Portanto, quando estamos mais seguros podemos nos abandonar mais. Essa é a grande força e o grande interesse da relação amorosa em que a partilha narcísica entre o Eu e o outro é ainda mais forte porque implica o corpo, implica o pensamento, implica a infância. Nesse momento há uma possibilidade de reforço do Eu e do restabelecimento da confiança, o que é formidável, pois, com a possibilidade de criação de um novo laço sobre bases comuns, podemos chegar, pouco a pouco, à evolução das diferenças, que pressupõem decepções, para aceitação. Não estaremos mais na mesma ligação narcísica, e sim cultivando uma zona de compartilhamento e de valores comuns em cujas bases construiremos uma ligação mais diferenciada. Querendo nos proteger muito dessa relação, querendo guardar seu caráter clivado, nos arriscamos a nos fechar na solidão e a ter muita dificuldade em criar relações duráveis e de confiança. Estaremos sempre buscando algo que no fundo estamos nos proibindo.

Essa clivagem atualmente entre a emoção e a pornografia, em oposição ao que cremos, não só banaliza como sobrecarrega os jovens, impedindo suas ilusões

criativas. Precisamos de ilusão. Se a pornografia for proibida, isso não impedirá que ela circule ou exista, só que os jovens, pela interdição, se darão conta de que para os adultos não é tudo banalidade. Sem o proibido, sem a interdição, é um pouco como se os adultos se indiferenciassem e não houvesse mais uma hierarquia. Creio que é uma forma de abandono dos adolescentes que eles mesmos solucionem seus problemas! Esse é um perigo muito grande. Então, esquecemos o lado protetor do proibido, da interdição, que nos permite dizer sim a uma hierarquia de valores, que não é um tudo ou nada, mas é uma hierarquia, o que permite que haja reparação e que ainda tenhamos o prazer da transgressão. Uma transgressão da qual sabemos que podemos obter prazer, mas que não é tudo nem o melhor. Eu creio que deixa um pouco mais de liberdade do que dizer: não tem importância. O que vemos na nossa prática nos mostra que, se não é necessariamente catastrófico, não é benéfico que as crianças participem da sexualidade dos seus pais. É como se fossem abusadas afetiva e psiquicamente pela intrusão da vida sexual dos pais na sua própria vida. Isso não ajuda. A mesma coisa se dá quando somos coniventes com a pornografia. É como se os pais falassem para seus filhos da vida sexual que mantêm, das suas amantes. Eu nunca vi os benefícios disso e vi muitos inconvenientes. Isso não é liberdade. É confusão.

ide: Para finalizar, você falou ontem, em sua conferência, sobre a necessidade de se fazer uma revisão nos conceitos da metapsicologia clássica e mencionou há pouco, novamente, a questão da pulsão. Nós gostaríamos de ouvi-lo a respeito.

P. J.: É muito vasto o tema, e não é novo. Faz tempo que falo sobre isso. Com a evolução social, e justamente por causa da perda de certos limites e referências, com os aspectos positivos e com os riscos que isso comporta, vemos que o problema do Eu não é somente sofrer as interdições, mas também saber quais são suas competências, seus limites, suas possibilidades. O Eu é, portanto, uma entidade em permanente construção nunca totalmente concluída; existe uma necessidade de se alimentar de uma troca com os outros, incluindo os paradoxos de que falamos. Uma sociedade mais aberta não oferece mais ao Eu a mesma sustentação que uma sociedade mais estruturada oferecia. Nos apercebemos das dificuldades do Eu sobretudo com a proliferação dos estados fronteirios e das patologias narcísicas. Este Eu, para se construir, tem uma necessidade de que façamos com que seja tolerável aquilo de que ele mais necessita, que é essa ligação com o outro. Aí temos todo o problema do limite: no fundo, o limite que não encontramos

na relação com o outro, como vemos na psicopatologia atual, vamos procurá-lo através dessa capacidade própria ao homem de se fazer mal, pela qual ele afirma sua existência, sua diferença e ao mesmo tempo sua necessidade de solicitar o outro. Tudo isso me leva a pensar que o problema do que constitui o Eu é um ponto capital que diferencia realmente o ser humano do animal, e é essa a questão da tolerância do Eu. A sua necessidade, o elemento primordial, o que nós chamamos de pulsão, a sexualidade, a agressividade, são ferramentas à sua disposição, mas que não serão determinantes. É, sim, a resposta do Eu ao que o ameaça, o que será o elemento determinante: em resposta a *que* ele vai usar suas diferentes ferramentas. Para mim, a ameaça de desorganização que pesa sobre o Eu é o elemento essencial que faz com que reaja, e é o que nos mostra o adolescente com seu medo de perder o controle, seu medo de ficar louco. Sua resposta depende justamente das bases narcísicas, do papel de continência da família e da sociedade, e dos modelos que lhe são oferecidos, e não tanto das pulsões interiores cujo impacto é relativo ao grau de insegurança do Eu. Então, um Eu inseguro viverá o desejo sexual como uma ameaça, mas porque ele é inseguro e porque essa sexualidade o obriga a levar em conta um objeto que ele gostaria de manter à distância. Uma das maneiras de mantê-lo à distância é, como vimos, a pornografia, reduzindo-o a um produto que pode ser comprado, em vez de manter uma relação que o deixe inseguro na medida da necessidade que ele sente. Insistindo sobre as pulsões, reforçamos o sentimento de que seríamos vítimas de algo que pesa sobre nós, e não de que o Eu faz suas escolhas sobre o que pode satisfazê-lo ou não. A meu ver, é com a pulsão de morte que mais gravemente reforçamos a visão romântica de um destino que pesa e não o fato de que seria uma escolha, uma espécie de tentação do Eu de encontrar um poder ativo por meio da destruição. O que pode fazer o Eu é lutar contra essa tentação em aliança com o terapeuta ou com os adultos. Desconfiemos da nossa tentação de nostalgia, desconfiemos do romantismo, do sofrimento e do arrependimento. Se, por um lado, não nos entregarmos à tentação do sofrimento, por outro, teremos que lutar para ir bem, e acredito que isso é muito importante no que diz respeito à representação que temos do Eu. No fundo lutamos contra nós mesmos, contra a tentação do poder e do domínio, e não somente contra o peso dos traumatismos que tivemos, o peso das pulsões e do seu destino. Eu penso que há um certo equilíbrio que precisa ser revisto. Albert Camus é um dos autores que falam lindamente sobre o prazer da nostalgia...

Tradução de Daisy Guttmann.